

## **Desde quando a vítima não pode ser preta? O imaginário social estigmatizado de corpos há anos inferiorizados<sup>1</sup>**

Gabriela Ferreira Vieira<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

### **Resumo**

Criminoso(a) tem cor? A cor define quem tu és? Quais os sentimentos consequentes de uma vida inteira de comprovações de que é do bem? Até quando o imaginário social do corpo preto será marginalizado, criminalizado e inferiorizado? No decorrer dos episódios do produto audiovisual “The Equalizer: a protetora”, criado por Michael Sloan e Richard Lindheim (lançado em 2021 nos Estados Unidos), histórias diversas surgem e entre elas analisasse uma narrativa onde o racismo é a pauta principal e o corpo negro, mais uma vez, é violentado pela branquitude e estereotipado como ruim, duvidoso e bandido. O imaginário negativo da identidade negra perdura anos e a luta antirracista é necessária, via entretenimento, *online*, presencial etc. até que a cor da pele deixe de ser motivo de tanta raiva e preconceito.

**Palavra-chave:** The Equalizer; racismo; preconceito; imaginário; corpo negro.

### **RESUMO EXPANDIDO**

Este estudo teve como objetivo compreender as experiências de racismo, discriminação e resistência vivenciadas por mulheres negras, a partir da análise de relatos autobiográficos e depoimentos que evidenciem as dinâmicas de violência estrutural, simbólica e institucional. Buscou-se investigar como essas experiências impactam a construção da identidade, a percepção de si mesmas e suas estratégias de enfrentamento, além de refletir sobre as representações sociais e os imaginários que sustentam tais processos, com ênfase na relação entre sofrimento, resistência e busca por reconhecimento social.

O objeto de estudo foi o relato de Viola, uma mulher negra de classe média, que compartilha suas experiências de racismo, discriminação e resistência, incluindo episódios de violência policial, preconceito racial e suas ações de protesto e reivindicação de direitos. Se escolheu tal *corpus*, porque através de uma série de entretenimento, atual e de grande alcance, a temática racismo alcançou destaque em um episódio, de maneira

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, bolsista CAPES. E-mail: [gabrielaferreira95@gmail.com](mailto:gabrielaferreira95@gmail.com).

direta, autêntica, reflexiva e emotiva, denunciando o racismo estrutural através de cada detalhe da cena (gestos, falas, olhares, luz, elenco etc.).

Adotou-se uma análise qualitativa, baseada na análise de conteúdo e na abordagem interseccional, para interpretar os relatos e depoimentos. Essa análise buscou identificar categorias temáticas relacionadas às experiências de racismo, resistência, identidade e violência, além de compreender as representações sociais e os imaginários que envolvem essas experiências. A partir disso, pretendeu-se relacionar os dados empíricos com as teorias de Sousa (1983), Diangelo (2018) e Silva (2012), para compreender o sofrimento, o preconceito e as dinâmicas de violência estrutural e simbólica.

No episódio “Seguidores”, da série “The Equalizer: a protetora”, uma violência racial é exposta, quando Viola escolhe um vestido na loja e logo, uma mulher branca, impõe que iria comprar aquela peça, só não tinha separado. Viola responde metodologicamente e escuta falas debochadas e desrespeitosas, como: “Me dá esse vestido”.

Logo reage firmemente, até que a mulher inventa que está sendo ameaçada e se põe em disputa física pelo vestido, puxando-o da mão de Viola, que a afasta levemente. Tal ato, foi visto como ofensa e agressão pela mulher, que rapidamente chama a polícia, o que gerou um novo momento de racismo, porque após a demora, os policiais, também brancos, se direcionam direto para a mulher branca, sem nem supor que Viola era a vítima.

Quando um dos policiais aborda Viola, é explícita em sua fala que já havia determinado que ela era a causadora de toda a confusão e, em outras palavras, indica que ela peça desculpas para a mulher que a acusava. Porém, para surpresa de todos(as), Delilah havia gravado tudo e ao mostrar o vídeo para o policial ele apenas diz que entendia e pede desculpas pelo mal-entendido, se dirige novamente a mulher branca que ao ver o vídeo, pede desculpas para Viola com desprezo.

Ao sair da loja, a polícia não questiona se Viola quer dar queixa ou não e ela opta por não fazer, pois não desejava usar a polícia como arma. De noite, acolhida pela família, ela expõe:

[...] O que eu queria era ser considerada inocente. O policial foi primeiro naquela mulher e ouviu a história dela porque a brancura dela era sinônimo da verdade. Eu sou uma mulher negra de classe média e sem celular eu provavelmente estaria na cadeia agora,

---

porque eu nunca ia me desculpar [...]. O que eu queria mesmo fazer, era encher ela de tapa, mas eu não podia. [...] Eu protestei a minha vida toda, de ocupações ao George Floyd, a mesma luta de novo e de novo. Sempre, pra ser vista, pra ser ouvida, pra ser humana e machuca e essa dor acaba virando raiva, porque a raiva é mais fácil de suportar. Se pegássemos o caminho mais fácil hoje e saíssemos sem sermos ouvidas, nossa alma se envenenaria [...].

Unindo os fatos às teorias, começamos por esse trecho excepcional de Viola, onde se conclui que "Pensar sobre a identidade negra redonda sempre em sofrimento para o sujeito" (SOUSA, 1983, p. 10). Segundo Sousa (1983), a concepção do negro é uma concepção bloqueada, perseguida e acuada pelo sofrimento de imposição racista. O “ferimento” da estrutura física torna-se em “ferimento” da mente.

Quanto as atitudes da mulher branca: "A ideia da inferioridade racial foi criada para justificar o tratamento desigual; a crença na inferioridade racial não foi o que desencadeou a desigualdade de tratamento. Nem o medo da diferença" (DIANGELO, 2018, p. 39). Para Diangelo (2018), a discriminação é um ato que se baseia no preconceito. Tais fatos envolvem violentar, ridicularizar, excluir, ignorar, ameaçar e difamar.

Já ao pensar nas ações do policial, observa-se que os seres humanos, conforme Silva (2012), são movimentados pelos imaginários que estabelecem e assim, nota-se que todo imaginário é uma história. Um enredo. Uma perspectiva. Visualizada de uma particularidade. A partir dos estudos de Diangelo (2018, p. 43):

Preconceito é o prejulgamento de outra pessoa com base nos grupos sociais aos quais ela pertença. O preconceito consiste em pensamentos e sentimentos, incluindo estereótipos, atitudes e generalizações baseadas em pouca ou nenhuma experiência, depois projetados em qualquer pessoa não integrante daquele grupo. Nossos preconceitos tendem a ser compartilhados porque nadamos nas mesmas águas culturais e absorvemos as mesmas mensagens.

---

Sousa (1983) expõe que a violência racista do branco, antes de qualquer coisa, desempenha-se pela perversa predisposição a extinguir a identidade do indivíduo negro. Tal análise finaliza-se com Diangelo (2018, p. 46): "O racismo está profundamente entranhado em nosso tecido social. Ele não se limita a um só ato ou pessoa".

## Referências

DIANGELO, Robin. **Não basta não ser racista**. Sejam antirracistas. São Paulo: Faro editorial, 2018.

SEGUIDORES. [S. l.]: Globoplay, 2021. Disponível em:  
<<https://globoplay.globo.com/v/10824679/?s=0s>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SILVA, Juremir Machado. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.